

PE. GAULTIER DE CHAILLÉ

---

# DA TUA CARNE, VERÁS DEUS

MEDITAÇÕES SOBRE O CORPO E A RESSURREIÇÃO



PAULUS

# Introdução

## Humilhação

Atenas, por volta do ano 50 depois de Jesus Cristo.

São Paulo realiza a sua segunda viagem missionária. Movido pelo desejo ardente de anunciar Jesus, visita as sinagogas da diáspora grega e entrega-se a controversas corajosas. Alguns judeus são tocados pela sua mensagem e reconhecem, no que ele diz, que o Messias chegou finalmente. Outros rejeitam-no e chegam mesmo a querer matá-lo. Paulo tem de ser retirado à pressa de Bereia, no norte do mar Egeu, para ser escoltado até Atenas, onde já não correrá o risco de ser assassinado pelos seus irmãos de religião.

Ali, na capital do pensamento grego, embora a época já não seja a dos brilhantes filósofos de outrora, Paulo encontra interlocutores ávidos de diálogo e de debate. Primeiro na sinagoga e depois na Ágora, um grande público vem escutá-lo. Se até então falava aos judeus, são agora os pagãos que querem saber mais sobre a sua doutrina. Encontra sobretudo estoicos e epicuristas, representantes das duas grandes correntes de pensamento do seu tempo. Estes, percebendo que o discurso do recém-chegado toca mais na religião do que na filosofia, pedem-lhe que prosiga a explicação no lugar dedicado aos julgamentos ou às exposições relacionadas com a fé. É assim que Paulo sobe com eles ao

Areópago. É preciso imaginar, no cimo de uma pequena colina situada em frente à extremidade sudoeste da Acrópole, uma superfície plana escavada no rochedo da colina, onde alguns blocos de pedra podem servir de assentos, mas onde a tradição privilegia os debates em pé. Uma modesta multidão de filósofos e curiosos reúne-se para ouvir falar dessa nova corrente do Judaísmo.

E eis que Paulo expõe o seu ensinamento sobre Jesus. O diálogo é intenso. Esses filósofos, abertos a todas as ideias, têm sede de descobrir outro pensamento, uma religião que desconhecem e, porque não, uma nova via de despertar intelectual e espiritual. Desde que não se ponham em causa os deuses da cidade, Atenas acolhe com alegria todas as religiões do mundo, sobretudo se forem exóticas, misteriosas e novas. O diálogo é franco e aberto, e todos reconhecem nos argumentos deste pregador traços de sabedoria que correspondem ao seu gosto pelo segredo e pela coerência das ideias.

Paulo fala de um certo Jesus, que parece uma figura mitológica ou um orador de génio. Ele realizou gestos de poder, curas e milagres. Tudo isso é apaixonante, diferente, cativante. Os areopagitas mostram-se curiosos em saber mais e procuram compreender em que é que esse filósofo galileu pode trazer uma verdadeira novidade face às vias do estoicismo e do epicurismo, que já oferecem uma ética e uma escola espiritual exigentes, baseadas na sabedoria e na razão.

É então que Paulo revela o seu argumento decisivo. Excelente orador, guarda preciosamente o ponto final do seu discurso para converter todos os seus interlocutores a Cristo: este morreu e ressuscitou! Mas, em vez de provocar lágrimas próprias de uma abertura do coração, Paulo é atingido pelos risos trocistas de todos os que o escutam. “Obrigado, mas não, obrigado.

Era exatamente o que receávamos: aqui temos um iluminado ingênuo que acredita em fábulas e em fantasmas. Esse tal Jesus não passa de mais um impostor, seguido por sectários zelosos, mas insensatos. Ficamos pelo estoicismo e pelo epicurismo, pela razão e pela filosofia, porque quando alguém morre... está morto” (cf. At 17).

### **Areópagos contemporâneos**

A humilhação sofrida por Paulo, o fracasso no Areópago, é o modelo de toda a evangelização e de todo o diálogo em que procuramos partilhar o coração da nossa fé, o seu fundamento, que é a ressurreição de Jesus. Desta proclamação depende todo o resto do edifício intelectual e espiritual do Cristianismo. A ressurreição de Cristo é o resumo de toda a nossa fé: Deus salva a sua criatura dando a própria vida na cruz e atravessando a morte; Cristo promete a todos que também terão uma vida corporal eterna. No Judaísmo do tempo de Jesus, a fé na ressurreição é uma concepção marginal: não é partilhada por todos os judeus e é pouco teorizada, permanecendo entregue ao mistério além do muro intransponível da morte. Mas, a partir do momento em que Jesus vive a sua própria Páscoa atravessando a morte, torna-se possível uma palavra, formula-se uma afirmação: conhecemos o caminho, segui-lo-emos também nós.

Ora, os areopagitas de todos os tempos — isto é, todos aqueles que ouvem falar de Cristo — experimentam uma barreira absoluta diante desta afirmação que ultrapassa toda a experiência humana. Uma vez que a morte está absolutamente inscrita na história de cada um de nós, ousar dizer que ela é uma passagem parece inacreditável ou risível. A ingenuidade atribuída às pessoas movidas pela fé nasce desta ideia de uma vida eterna. Pior:

já que os cristãos acreditam numa outra vida junto de Deus, isso significaria que desprezam a sua existência terrena ou que são indiferentes à sua condição mortal — negando a sua dimensão dramática porque transportariam uma esperança beatífica noutra mundo, ou negando a sua beleza porque desprezariam os seus prazeres para só verem o “depois”. Não se podia refletir ou dialogar sobre o corpo ressuscitado, uma vez que ele escapa à experiência. Quer se trate de Jesus nos quarenta dias que se seguem à sua Páscoa, quer se trate da nossa própria existência de ressuscitados no futuro, o diálogo seria impossível. Na melhor das hipóteses, dizem-nos: “Cada um com as suas crenças”; na pior: “Coitados...”

Esta humilhação diante da afirmação da ressurreição fragiliza-nos. Porque, como diz o próprio São Paulo: «Se Cristo não ressuscitou, a nossa pregação é vazia [...]. Se a nossa esperança em Cristo é somente para esta vida, nós somos os mais infelizes de todos os homens» (1Cor 15,14.19). Se a nossa proclamação da fé não pode assentar na ressurreição, se este ponto decisivo não fizer parte da nossa visão da vida e da nossa relação com Deus, então somos, de facto, dignos de compaixão, pois o nosso Credo não faz sentido. Se não colocarmos no centro da nossa espiritualidade a ressurreição da carne — a de Cristo e a nossa —, mergulhamos rapidamente no rigorismo ou no conformismo religioso, e já não oferecemos ao mundo nem sal nem luz...

Ora, nos areópagos de hoje — sejam eles as redes sociais, os estúdios de televisão ou os jantares de convívio —, encontramos os mesmos tipos de pessoas que Paulo. São tolerantes quanto às ideias dos outros, desde que não venham pôr em causa os ídolos que as tranquilizam. Mas, sobretudo, são maioritariamente estoicas ou epicuristas, pois essas duas correntes de pensamento (fundadas no século III antes de Cristo — primeiro o

epicurismo, depois o estoicismo) permitem resumir duas opções fundamentais em relação ao corpo. Exagerando de forma acentuada o traço, podemos dizer que o epicurismo considera o visível como o único registo pertinente do ser. Pouco importam as questões religiosas e espirituais: os deuses, se existirem, encontram-se numa esfera totalmente estranha aos homens. Para os epicuristas, o objetivo da vida é perseguir a felicidade através do prazer, ao qual o corpo humano aspira naturalmente, tal como o dos animais. Se o propósito último do epicurismo é alcançar a *ataraxia* (“indiferença” ou “ausência de perturbação”), uma forma de felicidade que ultrapassa as necessidades do corpo, é, no entanto, através deste que ela é atingida. A busca da felicidade não se encontra fora de si, nem numa procura que vá contra o apetite natural. O corpo não é, portanto, um entrave à felicidade, mas um meio de compreender, por via da atração, onde se encontra o verdadeiro Bem.

A escola estoica foi fundada em resposta ao epicurismo. Os seus pensadores acusam os epicuristas de serem meros fruidores de visão curta. Por isso, a escola estoica escolhe, em reação, o caminho da virtude: o ser humano não é apenas corpo, é também animado por um pensamento, por uma capacidade de escolher um bem maior do que aquele para o qual o corpo naturalmente o orienta. Esse bem mais duradouro e mais profundo adquire-se pela via da liberdade, que supera o apetite animal primário e permite uma realização mais perfeita da pessoa.

Não devemos, porém, simplificar excessivamente, tomando os epicuristas por libertinos e os estoicos por austeros “rabugentos”, mas a oposição é suficientemente nítida e está muito presente ao longo de toda a Antiguidade, nomeadamente, na época das primeiras expansões da Igreja. Nos nossos dias, continuamos a estar continuamente divididos entre o desejo de ir onde

o corpo nos leva e a vontade de seguir os princípios da nossa razão. Por exemplo, do lado epicurista, a nossa sociedade incentiva fortemente uma grande permissividade no plano da sexualidade, das drogas recreativas e das pequenas transgressões das leis. É bem visto apresentar-se como rebelde, desejar experimentar sensações fortes — sobretudo nos desportos radicais — e cultivar uma juventude perpétua, com corpos cuidados e mantidos durante cada vez mais tempo, para viver o maior número possível de aventuras, enquanto a esperança de vida não para de aumentar. Por outro lado, vivemos também sob uma pressão estoica que denuncia a falta de sobriedade, que condena o défice de temperança nos domínios alimentar ou tabágico, por exemplo, ou que se preocupa vivamente com os impactos ecológicos dos caprichos individuais. As crenças religiosas e as exigências que elas comportam são, em geral, vistas de forma bastante positiva quando apresentadas como expressão de uma liberdade individual e como um caminho de unificação interior.

Mas tudo isto não pretende senão refletir sobre o bem-estar presente ou o futuro imediato. Estas aspirações contraditórias precisam de ser superadas por aquilo que a fé propõe, numa orientação realmente eterna.

## **O corpo no centro**

O caminho que Cristo abre não é uma síntese entre o estoicismo e o epicurismo, e é por isso que os filósofos que dialogam com São Paulo não o aceitam. O caminho que Cristo inaugura é uma transformação radical que rejeita a separação. Jesus, pela sua encarnação e pela sua ressurreição, transgride os dois limites absolutos da filosofia clássica: a diferença entre o divino e o humano e a consideração da morte como fim. A ressurreição é a

fonte de toda a doutrina cristã porque revela a unidade profunda que existe entre Deus e a sua criatura, e introduz uma revolução total na relação entre a vida presente e a vida futura. Ao escrever este pequeno livro, gostaria de apresentar esta unidade entre a vida terrena e a vida para além da morte. Pois não existem duas vidas separadas. Uma não termina na morte para deixar começar a outra. Como diz a oração da Igreja, « possuímos desde já o penhor da vida futura » (VI Prefácio dominical do Tempo Comum). Este é o cerne do ensinamento que São Paulo queria levar ao Areópago; este é o ensinamento que deveria animar todos os cristãos. Porque, depois da vida que experimentamos aqui, não nos tornaremos anjos, seres que são puros espíritos. Continuaremos a ser pessoas humanas. Continuaremos a ser, fundamental e indivisivelmente, uma alma unida a um corpo. É certo que a experiência não será a mesma que aqui na terra, mas a nossa fé assenta na convicção de que continuaremos sempre a ser nós próprios, seremos tal como Deus nos criou: não como animais, nem como anjos, mas como uma unidade entre um corpo, capaz de experimentar a relação, e uma alma, capaz de ser preenchida pelo amor de Deus.

Esta vida eterna, que a Igreja chama «ressurreição da carne», está no centro da fé. O conteúdo deste domínio da teologia é vertiginoso. Nenhum de nós o experimentou e devemos evitar defini-lo como uma evidência ao alcance da nossa inteligência. Estamos, por agora, limitados pela experiência da matéria e do tempo, e a ressurreição da carne escapa, pelo menos em parte, a estas categorias.

Eu também sinto uma vertigem diante desta questão da ressurreição da carne. Eu, que escrevo, sou um ser vivo. Tenho um corpo que me leva a desejar o prazer e a temer a morte. Tenho uma fé que me faz desejar Deus, na convicção de que Ele está

aqui a chamar-me, mas também tenho medo, em certas horas sombrias, de que tudo isto seja demasiado belo para ser verdade. Todo o tema de reflexão propriamente teológica desperta em cada um de nós o sentimento de estar ultrapassado — ou, pelo menos, assim deveria ser. Aquele que, dizendo-se “crente”, se pensa “sabedor”, corre o risco de se encerrar numa certeza que deixaria de ser relação para se tornar uma dominação intelectual. O único que diz a Jesus: «Eu sei quem Tu és» — é o diabo (Mc 1,24; Lc 4,34). Nenhum de nós sabe quem é Deus nem quem é Cristo. Do mesmo modo, é com humildade e esperança que devemos refletir sobre o corpo e o seu destino final. Pois, se Jesus ressuscitou verdadeiramente, então não podemos ser estoicos, nem epicuristas, nem indiferentes. Se a vida eterna já começou, devemos vivê-la como tal! Infelizmente, cada um de nós pode fazer suas as palavras de desilusão pronunciadas por São Paulo diante das próprias fraquezas: «Não faço o bem que quero, mas o mal que não quero» (Rm 7,19). Quando fala deste combate interior, não o faz apenas numa perspetiva moral, por causa da tentação de não seguir a lei ou de não fazer o bem. O que São Paulo lamenta é a sua incapacidade de experimentar na própria carne a alegria do Céu. Ele desejaria estar já plenamente disponível para a vitória do Espírito em si, mas experimenta que o seu corpo tende a atraí-lo para a morte, para o mal. O seu corpo é então considerado um obstáculo, um peso.

Como é, afinal? O corpo destina-nos ao pecado? E, se assim é, será devido ao seu carácter temporário ou ao seu apetite de prazer? Noutros termos, experimentamos o mal por atração ou por repulsa? E eis-me novamente a opor o estoico ao epicurista... Ou será que Deus nos abre uma outra via?

# Índice

<b>Introdução</b> .....	5
Humilhação .....	5
Areópagos contemporâneos .....	7
O corpo no centro .....	10
<b>1. «O meu coração exulta, a minha alma rejubila, até a minha carne repousa confiante» (Sl 15[16],9)</b> .....	13
O corpo, essa maravilha .....	14
<i>Objeto da inveja dos demónios</i> .....	14
<i>Nem Narciso nem Medusa</i> .....	15
<i>Admirar e dizer a beleza</i> .....	20
<i>Olhar puro</i> .....	26
O meu corpo e o corpo do outro .....	29
<i>Uma castidade alegre</i> .....	29
<i>Atentados ao pudor</i> .....	32
<i>Lavar o olhar através da beleza</i> .....	36
<i>A experiência espiritual pelo corpo</i> .....	39
<i>Saborear o corpo</i> .....	39
<i>O corpo dado</i> .....	41
<b>2. «O meu coração e a minha carne são um grito para o Deus vivo» (Sl 83,3)</b> .....	47
Job, a experiência de ser odiado .....	47
<i>O que fizemos ao Bom Deus?</i> .....	47
<i>Tesouros sombrios de sofrimento</i> .....	50
<i>Deus defender-Se-á a Si próprio</i> .....	52
<i>O corpo morre</i> .....	57
<i>A raiz de todos os males</i> .....	57
<i>A morte não é nada</i> .....	61

<b>3. «Lá haverá choro e ranger de dentes» (Lc 13,28).....</b>	<b>65</b>
Uma possibilidade impossível .....	65
<i>O inferno não pode existir se Deus é misericórdia</i> .....	65
<i>A afirmação teológica do inferno</i> .....	68
O inferno vazio? .....	70
<i>O pecado conduz ao inferno</i> .....	73
<i>Como suportar que um só seja perdido?</i> .....	79
<b>4. «Vede as minhas mãos e os meus pés:</b>	
<b>sou Eu mesmo!» (Lc 24,39) .....</b>	<b>81</b>
Jesus, o único Ressuscitado .....	81
<i>Ter um corpo depois da morte?</i> .....	82
<i>Que corpo?</i> .....	84
<i>O mesmo corpo?</i> .....	85
<i>Um corpo diferente?</i> .....	87
<i>Os estigmas</i> .....	89
A purificação .....	90
Quando? .....	92
<b>Conclusão .....</b>	<b>95</b>